



Público

13-05-2019

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 31885

Temática: Justiça

Dimensão: 1355 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/20

Todos os dias são detidas cinco pessoas pelo crime de violência doméstica

Juntas, PSP e GNR detiveram desde o início do ano 618 pessoas em processos relacionados com violência doméstica • Esmagadora maioria das vítimas são mulheres • Só uma pequena parte dos inquéritos termina em acusação **Sociedade, 20**

Quase cinco pessoas detidas por dia em processos de violência doméstica

Desde 1 de Janeiro até 10 de Maio, a PSP deteve, pelo menos, 247 pessoas e a GNR 382. Dados das últimas semanas são apenas “indicativos”, avisa PSP, pelo que o número final pode ser ainda mais elevado

Crime
 Patrícia Carvalho

Desde o início do ano até sexta-feira passada, a Polícia de Segurança Pública (PSP) e a Guarda Nacional Republicana (GNR) detiveram, pelo menos, 618 pessoas no âmbito de processos relacionados com violência doméstica. Em média, são quase cinco pessoas por dia. Só na sexta-feira, a GNR dava conta da detenção de quatro homens. Dois deles exerciam algum tipo de violência sobre a mulher, um sobre a companheira e o outro sobre a ex-namorada. Eram de Campo Maior, Porto de Mós, Caldas da Rainha e Seia. Três ficaram em prisão preventiva, mas ao suspeito de Campo Maior, de 47 anos, suspeito de agredir a mulher de 45 anos, foi aplicada a medida de coacção de “proibição de se aproximar da residência, proibição de contactar a vítima por qualquer meio e obrigação de se sujeitar a um tratamento médico, com vista a controlar a dependência de produtos estupefacientes”.

Olhando para os comunicados divulgados pela GNR sobre detenções e apreensões de armas relacionados com processos de violência doméstica, percebe-se que o cenário não mudou, quando comparado com o retrato de vítimas e agressores traçado pelo Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) de 2018: a esmagadora maioria das vítimas são mulheres (representavam 78,6% no ano passado e 79% em 2017, segundo o relatório) e os agressores são homens (83,5% em 2018 e 83,8% em 2017, segundo a mesma fonte).

O RASI indica que a pessoa com quem o agressor tem ou teve um relacionamento amoroso (cônjuge e companheira/o actuais ou prévios) é a que mais sofre violência doméstica – representavam 69,8% das vítimas em 2018 e 70,5% em 2017. Estes dados continuam a ser válidos também para este ano. Segundo as informações oficiais da PSP, das 247 detenções realizadas desde 1 de Janeiro até 10 de Maio, 194 referiam-se a um suspeito que teria exercido algum tipo de violência contra “cônjuges ou análogos”. Mas basta ler os comunicados emitidos



Esmagadora maioria das vítimas destes crimes são mulheres

dos quase diariamente pela GNR para perceber que a violência recai também – ainda que em muito menor número – sobre outros membros da família, incluindo os pais e os filhos dos agressores. O tipo de violência exercida pode ir da ameaça à agressão ou à violação, como também é perceptível nesses documentos.

A 12 de Fevereiro, um homem de 51 anos foi detido em Mafra. Durante a investigação, que durou quase um mês, os militares da GNR concluíram que o suspeito “terá mostrado uma arma de fogo à filha menor, dizendo que aquela arma era para matar o seu irmão e a mãe, sua ex-companheira”. Com antecedentes “pelo mesmo tipo de crime”, o homem

Apesar das muitas detenções, a maioria dos inquiridos acaba arquivada. Em 2018, só 14,4% resultaram em acusação

ficou em prisão preventiva. Dois dias depois, outro reincidente, com 38 anos, foi detido em Vila do Conde por ter ameaçado de morte com uma faca de cozinha, “obrigando-a a práticas sexuais”, uma ex-namorada. Ficou com pulseira electrónica e proibido de se aproximar ou contactar a vítima. No dia 18 desse mês, três outros homens foram detidos pela GNR, em Amarante e Felgueiras. Um deles, com 39 anos, ameaçou e agrediu “com socos na cabeça” a mulher da mesma idade com quem vivia em união de facto. O suspeito, também reincidente neste tipo de crime, ao ouvir a vítima pedir a separação, tê-la ameaçado de morte, “fazendo alusão ao duplo homicídio seguido de suicídio ocorrido no Seixal”, lê-se no comunicado. Ficou com pulseira electrónica.

Já em Castro Daire, a 26 de Março, a GNR deteve um homem de 56 anos, suspeito de injuriar e ameaçar de morte a mãe de 77. No comunicado

em que dava conta da detenção, a GNR explanava: “As agressões tiveram início há cerca de três anos, quando o agressor foi viver para casa da sua mãe, no momento em que terminou o cumprimento de pena de prisão de 16 anos, pela prática de abuso sexual de crianças.” O homem ficou em prisão preventiva.

Há casos de agressões com facas, ameaças de divulgação de imagens íntimas, agressões com paus ou até mesmo mulheres forçadas a abortar, como aconteceu a uma vítima de Amarante, de 37 anos, que estava grávida de seis semanas. A única agressora que aparece nos comunicados da GNR consultados tem 36 anos e foi detida em Março, na Costa da Caparica, por suspeita de “agredir fisicamente, de forma reiterada e continuada, a sua mãe, de 60 anos”.

Segundo as informações enviadas ao PÚBLICO pela PSP, no ano de 2019, e até 10 de Maio, houve 247 detenções por violência doméstica – um número “indicativo”, salvaguardam as relações públicas daquela força de segurança, já que pode haver mais casos ainda não contabilizados. A GNR indica que até 30 de Abril foram registados 4222 crimes de violência doméstica, tendo sido detidas 371 pessoas. Se juntarmos a este número os casos revelados pelos comunicados divulgados durante o mês de Maio, até ao dia 10, chega-se a 382 detenções. Os militares informam ainda que, no âmbito de processos de violência doméstica, foram apreendidas 263 armas, das quais 210 armas de fogo e 53 armas brancas.

O número de detenções tem vindo a aumentar nos últimos anos – só na PSP foram 516 em 2016, 565 em 2017 e 598 em 2018. Quanto às ocorrências, os dados divulgados pelo RASI indicam que em 2018 houve 26.432 e no ano anterior registaram-se 26.746. Apesar deste valor elevado, o número de acusações é diminuto. Segundo o mesmo relatório, dos inquiridos concluídos em 2018, apenas 4613 (14,4%) resultaram em acusação, enquanto 20.990 (65,5%) foram arquivados.

patricia.carvalho@publico.pt